

Arte Europa - América. Da Modernidade ao Mundo Contemporâneo.

Leandro Serpa¹

Primeiras Considerações. Farei neste trabalho pequenas considerações referentes à história da Arte a partir do Pós - impressionismo. Utilizarei um olhar distanciado de “sobrevoo”, sem me atentar a um artista ou obra em particular, mas buscando uma visão geral que abranja, embora de maneira preliminar, todo o movimento e sua época. Adianto que farei “cortes profundos” nas páginas da história, excluindo movimentos do fim do século como o Simbolismo e artistas como Gaudí da narrativa do texto. A descrição se dará, tomando por base o “caminho” Europa - EUA, principais centros irradiadores dos ideais modernos e contemporâneos. Neste caminho, traçado quase que constantemente numa linha reta, é certo que deixarei de lado uma

1

Aluno de Bacharelado do Curso de Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Ministrou O Curso Imagem/Palavra no qual falou sobre seu processo criativo, mostrando seus trabalhos pictórico e de gravura.

infinidade de movimentos, artistas de outros “centros” como o Brasil e artistas e movimentos “menores”, mas ao que me custa, tentarei fazer observações e tirar conclusões deste espaço de arte tão característico e tomando a pintura como base para a visualização dos eventos. Farei um percurso de caráter positivo que releva tensões e censuras e que apresenta os aspectos máximos que são “marcos” da modernidade, inovações, descobertas que puseram a modernidade em marcha e nos projetaram na contemporaneidade. Por esse motivo situarei minha pesquisa em artistas e movimentos “ícones” de nossa história e que foram fundamentais para o advento da modernidade. Outro fator importante é a travessia do oceano Atlântico, essa alteração de “eixo” que deslocou o foco irradiador da modernidade da Paris francesa para a Nova Iorque norte americana deslocando assim o centro irradiador de cultura e arte da Europa para a América e projetando a contemporaneidade que surge na pós 2º Guerra Mundial, na paisagem obscura da guerra fria.

Século Dezenove. Da Guilhotina as Luzes.

No século 19 presenciamos em arte um fato inusitado, talvez nunca ocorrido na história humana. A arte e seus motores propulsores, os artistas, conseguem a duras penas se libertar das amarras da academia francesa. Em parte ou

em conseqüência da Revolução Francesa as velhas instituições que ditavam o ritmo das manifestações artísticas desmoronam.

Enquanto na guilhotina o poder absoluto dos reis era ceifado, dando lugar à formação das Repúblicas liberais, no campo das ciências através da investigação a cerca do corpo humano, descobre-se que o ser humano não possui “alma”, ou seja, um órgão que fosse específico para comportar o “espírito”. A não existência deste órgão “sublime” levou os cientistas a supor que o corpo humano seria regido por uma fria mecânica muscular. Esta tese, na verdade uma incompreensão a respeito do corpo humano, influenciaria a arte, a política e de modo geral a cultura durante o século dezenove.

Surgem diversos movimentos, inclusive de orientação proletária que tomam por princípio a questão material que envolve a vida humana. O marxismo é o principal “movimento”, exemplo desta concepção de humanidade, constituindo-se numa linha de raciocínio que preconizava uma atuação revolucionária dos proletários, reduzindo assim todas as questões que envolvem o ser humano a uma disputa material, como se fosse este o único meio capaz de constituir a identidade dos seres humanos.

Em contrapartida encontramos na arte “movimentos” como os Pré - Rafaelitas e os Nazarenos entre outros que propuseram meios de alcançar a “espiritualidade” pela arte. Apontando para um passado ideal, no caso a

idade média, ou uma fuga da sociedade urbana em direção a paisagem, no caso dos pintores da Escola de Barbizon.

Talvez a questão mais pertinente aos artistas europeus do meio século 19 fosse: O que representar? Se os ídolos desabam pelo fio da navalha, se há dúvida a respeito da existência de Deus, se os “deuses” republicanos não inspiram confiança, se a velocidade assusta e distorce a percepção. O que fazer com a liberdade que os artistas têm nas mãos?

O homem das tintas da-se então a investigar o efeito físico matérico causado pela luz do sol.

Pós Impressionismo: Amor e Loucura. Os Três Grandes.

Para conter a crise espiritual que abalou a Europa, muitos artistas recorreram a viagens para renovar suas pesquisas. Temos muitos relatos de artista que viajou para a África, Ásia, interior da Europa, América e inclusive alguns impressionistas estiveram no Brasil. Como teria dito o poeta “a luz do novo mundo revolucionou a Europa”.

Com Cézanne, Van Gogh e Gauguin, enxergo, posso estar enganado, um momento de “confluência” e “bifurcação”. É verdade que “habita” o mesmo tempo artista como Seurat que será muito revisitado no século 21 pelas suas pesquisas óticas, e havia outros artistas de

relevante importância no período, porém há entre esses três artistas uma busca e uma constituição física de imagens que alterará a maneira como vemos o mundo.

Cada qual a sua maneira mergulhou em reflexões a procura de uma espiritualidade perdida. O mundo a eles era estranho e assustador e eles assim o eram para o mundo. Cézanne por exemplo preferiu a reclusão trabalhando solitariamente e hoje veneramos as imagens que ele nos deixou, as agradecemos como revolucionárias e renovadoras da estética moderna e nos esquecemos que durante todo o tempo mergulhado em suas inquietações Cezane olhou para a montanha Santa Vitória.

Como teria dito Van Gogh numa de suas cartas a Theo, seu irmão. O que posso fazer? Como posso ser útil aqui neste mundo? Tentou a todo custo trazer a luz da realidade física uma imagem que o absolvesse no dia do juízo final.

Gauguin preferiu viajar, de modo que suspeito que tenha sido ele o primeiro viajante a romper a barreira da luz, deixando - nos questões ainda sem resposta: Que somos? De onde viemos? Para onde vamos? E o que podemos falar sobre “O Cristo Amarelo”?

Van Gogh rendeu-se à incompreensão, aos “olhares” alheios e pôs um fim a sua vida. Sua “loucura”, e de outros artistas do período pode ser compreendida como sintomas de um momento de profundas dúvidas espirituais, de identidade e a velocidade das alterações sociais e dos modos de produção.

As imagens pós - impressionistas, imantadas da presença e influência japonesa, estão carregadas de reflexos típicos dos questionamentos da modernidade. Recorrendo as gravuras japonesas os artistas conseguem criar um meio expressivo que negue a perspectiva renascentista, se utilizando das teorias das cores de Goethe se afastam claro-escuro barrocos e do mundo dicotômico baseado no conflito entre sombras e luzes. Depuram a visão naturalista que se nutre da copia “das Aparências” do objeto. Para superar os problemas levantados pelo impasse figura e fundo, dissolvem o personagem e a narração, perdendo-se o contorno e o “foco” único. Finalmente nos deparamos com a cor pela cor e uma série de rupturas que provocariam uma profunda alteração na arte do século vinte.

O Século Vinte e as Rupturas Definitivas.

O Cubismo e a Forma Desintegrada.

Com o cubismo o objeto “explode”. Suas faces são mostradas simultâneas. O objeto é destruído perspectivamente para depois ser reconstruído sobre outro olhar.

As destruições da perspectiva e do contorno nítido criam novas “perspectivas”, multidirecionais, convulsas, com ângulos e direções diversos, multifacetados, como uma

grande cidade vista do alto. Bem vindo ao claro escuro confuso do labirinto moderno.

O objeto é desconstruído pictoricamente para ser reconstruído de outro modo, por meio das colagens e assemblagens. Com folhas de jornal e outros trapos o objeto é apontado indicado sugerido.

O touro ganha chifres de metal, pode ser representado e indicado de outra maneira agora. A guitarra assume tridimensionalidade. As fronteiras pintura e escultura se diluem.

Uma das fontes para a fuga parece ter sido as máscaras africanas e a sublime capacidade do principal expoente do movimento, Picasso, para “copiar”. Observar, analisar e redimensionar. Compor, transpor e expor. Pintar, rasgar e colar.

Fauvismo e a cor independente.

Assim como Cézanne parece ter sido o “pai” do Cubismo, Gauguin é muito importante para os Fauvistas, assim como Van Gogh.

A cor se liberta das convenções representativas e conquista existência própria.

A cor pela cor, a arte pela arte, é neste ponto que a arte perde sua função representativa e segue o caminho ditado pelos contrastes de cor e pelo efeito causado pelas complementares.

Matisse é o principal fauvista e seu grande mérito foi colocar a linha a serviço da cor dando ritmo e fluidez as composições.

Expressionismo e Futurismo. Horror e velocidade Pré Guerra.

O que há de semelhante entre estes movimentos é a situação política dos países onde surgiram. Tanto na Alemanha, berço do Expressionismo, quanto na Itália, a “lobo” dos Futuristas, era países que tinham vivenciado um movimento de unificação nacional, um processo que se arrastava desde o século dezenove e que tinha como objetivo definir as fronteiras do Estado Nação englobando os povos de uma mesma “raça” sob uma mesma bandeira. Não me é possível compreender de que maneira estes acontecimentos influenciavam e se projetavam na sociedade. O fato é que em arte observamos posicionamentos distintos em ambos os países. Visualmente o Expressionismo alemão é no mínimo pessimista. O sofrimento e a destruição do ser humano, o medo, a angústia e a incerteza quanto ao futuro prevaleciam. Os artistas com os nervos em frangalhos e com a imagem destruída tentam de qualquer maneira encontrar a salvação. Como encontrar Deus se a noite é escura e o frio congela as articulações?

Na Itália o futurismo é “pró-ação”, os artistas manifestam o interesse de destruir a arte do passado “toda a Renascença”, e se deslocam para apresentar o novo. O belo é a

velocidade. Não é por acaso que a Ferrari, “o cavalo negro selvagem” é italiana. A favor do “vento” os futuristas se empenharam em criar uma imagem bidimensional da velocidade demonstrando a fascinação que sentiam pelas novas tecnologias.

Neoplasticismo, Suprematismo e Abstração Livre.

Aqui a arte livra-se da obrigação de representar um tema e busca alcançar uma espiritualidade própria como afirmava Kandinsky. É interessante observar o ponto “final” ou de “chegada” dos artistas Piet Mondrian e Kasimir Malevich. Mondrian mergulhado em investigações “platônicas” da pureza e atento ao afastamento moderno de suas relações naturais alcança um beco sem saída. O que resta aos homens é jogar os dados, pois as possibilidades são inumeráveis, não possuem limite e o que “sobra” são as infinitas possibilidades de ajustar o espaço ordenando os vermelhos, os azuis e os amarelos sob as redes negras verticais e horizontais, ou seja, um infinito limitado, fechado em si.

A presença russa é marcante no espaço construtivista. Não acredito grosso modo que tais imagens representem a “Rússia”, mas de outro modo representam a “construção de”, a “idéia de” e marca o “aparecimento” da nação russa no cenário político-econômico mundial. O que fazer depois do Quadrado negro sobre fundo

Branco sobre? Malevich destrói o problema da figura fundo destruindo a representação. A arte não tem o que representar é ela mesma, autônoma, livre, mas e o que fazer agora?

Dadaísmo e Surrealismo.

A Arte Pós 1° Guerra.

Dadá: Destruir, destruir, destruir...

Surrealismo:

sonho ou vontade de sonhar.

Visualmente Dadá se apoiava nos desdobramentos do Cubismo, utilizando-se das colagens e métodos “automáticos” de criação. Era crítico, baderneiro, perturbador. Suas propostas chocavam o público. A atitude dos artistas era a “negação”. Não a tudo o que havia sido feito até então.

O grupo Dadá logo se dissipou, porém depois deles a arte mutilada, destruída, negada nunca mais foi à mesma. As fronteiras caíram e neste campo expandido “Arte” e “Não Arte”, passado, presente e futuro foram condenados a habitar o mesmo espaço.

Enquanto isso o homem sonha. O surrealismo um círculo de artistas agrupados em torno de Breton se constitui dado a investigar um assunto estudado por Freud no início do século e de grande repercussão na Europa; a psique humana.

Atualmente há novos estudos do sonho que põe em cheque a interpretação e as imagens dos surrealistas, porém esta “visualização” nos desviaria dos questionamentos levantados pelos surrealistas. Isto não é um cachimbo! O que se passa em O Enigma de um dia, obra de De Chirico um dos artistas que mais influenciou os surrealistas. Temos que admitir que nas imagens haja algo para além delas, questionamentos que ultrapassam as bordas da pictorialidade, de certa forma um “contra - ponto” a arte pela arte puramente visual.

A Arte Pós Hiroshima. O Mundo Reordenado.

Durante todo o século dezenove a arte teve seu centro irradiador na Paris francesa. No início do século vinte as fronteiras se diluíam a medida que as resistências francesas eram superadas durante a invasão alemã na 2º Guerra. A França fora dominada e parcialmente destruída. O saldo da 2º Guerra foi uma Europa arrasada moralmente, espiritualmente e materialmente, incapaz de esboçar um novo “Renascimento”. Após a 2º Guerra os Estados Unidos da América assumem a “dianteira” na posição de centro irradiador de cultura. O Expressionismo Abstrato e seu principal artista Jackson Pollock serviram involuntariamente a este propósito: a uma imagem do gesto e da ação da liberdade americana. Depois do Expressionismo Abstrato os EUA, Nova Iorque em

particular assumem definitivamente o centro de irradiação de cultura e arte, partindo deste ponto, a partir de então, às manifestações que influenciariam as artes de todo o mundo.

Arte Pop e a queda da máscara.

Com a arte Pop nos colocamos diante da imagem da sociedade de consumo. Andy Warhol é o principal artista do “movimento” Pop (é questionável uma definição de movimento a este grupo), e quanto a Warhol suas virtudes estão na maneira como compreendeu a sociedade americana, reconhecendo seus mecanismos de comunicação-propagação de informação, da criação de sua imagem de artista e na dessacralização destruição das imagens pelos métodos de reprodução industriais.

Minimalismo.

A imagem é ela mesma: tudo e nada
diante do espectador.

Não há nada além dela mesma, tudo o que existe esta diante do espectador. A imagem é plana, fria e vazia.

Concluíam os artistas “enquadrados” sob o termo Minimalismo que ao artista não cabia qualquer obrigação representacional, além de negarem a ilusão perspectiva renascentista.

São imagens que nos chocam pela ausência. Diante destes trabalhos nos assusta a frieza que deles emana. Um choque só diminuído se nos entregarmos a seu credo existencial e considerarmos o “nada”, portador “do tudo”, do além em si, a capacidade intrínseca a mente humana de justificar existência dos objetos e dos seres através da crença.

A imagem alcança sua legitimidade através do enquadramento da “moldura” da lente objetiva, alcançando uma existência para além dela mesma que circula pelas redes de comunicação, participando e “convivendo” com o espaço expositivo. A obra, enquanto imagem transforma-se numa figura no espaço. Podendo ser espaços possíveis o interior de uma galeria, a realidade do mundo ou o espaço digital.

Arte Conceitual e Relacional.

Para as atitudes conceituais o que importa é o registro. Exagerado pensar desta maneira, mas o que permanece e é introduzido nas galerias são os registros das atividades dos artistas.

Dizem os artistas que a arte é uma idéia e que se realiza no fazer e na criação de sentido ao público que com a obra se relaciona, porém tais atitudes só resistem e persistem no registro que delas é feito. E o círculo destes registros se institucionaliza nas galerias, museus e se propaga nas redes de comunicação virtuais.

Conclusão.

Encerro este ensaio sobre arte afirmando que viajar através da História da Arte é uma atitude reflexiva e de sonho. Supor, propor e especular são gestos necessários para a busca da compreensão. Investigar o passado da Arte é mergulhar numa viagem através das imagens. O risco do pesquisador principiante e apaixonado é sonhar demais e esquecer-se de seu objetivo. Pode ocorrer que volte a seu tempo de mãos vazias ou então, carregado de informações desconexas que não se articulem, que mais confunda do que esclareça o leitor. Esse é o drama do viajante sem velas, sem motor; estar à deriva. Ser soprado pelo vento, levado pelas águas, contornar obstáculos, apresentar possibilidades, verdades possíveis e não absolutas.

Nesta pesquisa me esforcei para apresentar a mudança de “eixo” geográfico do centro de “irradiação” de cultura e Arte que se deslocou da França na Europa,

atravessou o Atlântico e aportou em Nova Iorque, nos Estados Unidos da América, um caminho inverso ao das tropas aliadas que desembarcaram na Normandia. Minhas pesquisas são suposições feitas a partir da História da Arte e da “História - História”. Isso me permite observar a Arte, artistas e obras, a cultura e o espaço que os “influenciavam”. Disto concluo que a Arte não é uma manifestação isolada, mas participante, de fundamental importância para a cultura como a conhecemos hoje. De modo

característico o artista, tem seu tempo sua vivência como matéria de trabalho. Sua obra participa do espaço - tempo refletindo sobre o viver no espaço - tempo.

As mudanças ocorridas na Arte desde o século dezenove são documentos que testemunham a favor de profundas alterações ocorridas na sociedade humana. Nossa concepção de vida foi diversas vezes tomada por ideologias, teorias, descobertas e ismos que alteraram nossa compreensão a cerca do mundo e do ser humano. O ser humano hoje sabe que sabe e luta para saber mais, mas sofre em um tempo de deuses hostis. Sofremos o corte umbilical que separou a alma do homem e a alma do mundo. Os séculos dezenove e vinte e a Arte deste período testemunham este acontecimento. O fato de Nova Iorque ser hoje o centro irradiador de cultura e arte demonstra que grandes mudanças ocorreram neste período de tempo. Hoje sabemos que a modernidade foi um sol que iluminou todos os cantos do mundo e ainda hoje se mistura a uma contemporaneidade confusa. O fato de ter atravessado o Atlântico deixando para trás os destroços de uma 2ª Guerra Mundial pode supor que a luz e a humanidade tenham um caminho a percorrer. Mas, o que é problemático na questão: O que acontecerá agora que a luz encontra-se tão próxima do poente? A modernidade poderia estar por findar-se deixando-nos uma contemporaneidade que a primeira vista aparenta ser um “empilhamento”, um acúmulo

de problemas que ao invés de serem resolvidos, adquiriram dimensão durante a modernidade.

O caminho que apresentei através da arte apresenta as alterações formais, diria, que se projetam na cultura mudando o modo como vemos e como nos vemos no mundo. As imagens, os ismos são acúmulos de idéias, de crenças, especulações a cerca da incompreensão num estado de luz que esta por nos cegar.

Referências bibliográficas

BAUDELAIRE, C. A modernidade de Baudelaire: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

BAUDELAIRE, C. As flores do mal: Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAXANDAL, M. Sombras e luzes: São Paulo: Edusp, 1997.

CAUQUELIN, A. Arte Contemporânea: uma introdução: São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CHIPP, H.B. Teorias da Arte Moderna: São Paulo: Martins Fontes, 1988.

CUMMING, R. Para entender a arte: São Paulo: Ática, 1996.

ECO, Humberto. História da Beleza: Rio de Janeiro, 2004.

FRITZ, B. Breve história da arte: São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HAUSER, Arnold. História social da literatura e da arte: São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JANSON, H. iniciação a história da arte: São Paulo. Martins Fontes, 1992.

TASSINARI, Alberto. O espaço moderno: São Paulo: Cosac & Naify, 2001.